

Fernando Pessoa  
A hora do diabo

Edições Teresa Rita Lopes

Assírio & Alvim

# ÍNDICE

## NOTA PRÉVIA

Sinais usados na fixação do texto

9

10

A HORA DO DIABO.

11

## NOTAS

HISTÓRIA E ALCANCE DE A *HORA DO DIABO* .  
45

ASSÍRIO at ALVIM

RUA DO SACRAMENTO A ALCÂNTARA, 15 -1º DIR , 1300 LISBOA E HERDEIROS DE FERNANDO PESSOA (1997)

EDIÇÃO 4ª, OUTUBRO 1997

DEPÓSITO LEGAL 115651/97

ISBN97Z-37-043I-8

## NOTA PRÉVIA

Este texto apresenta-se no Espólio (depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa) em folhas soltas, não datadas, umas manuscritas, outras dactilografadas e outras ainda mistas. A numeração foi posteriormente introduzida pelos inventariadores do dito espólio mas não corresponde a qualquer sequência: a que apresento é de minha responsabilidade.

O texto estende-se por dezanove folhas (21 páginas), arquivadas no dossier 277W, com cotas que vão de I a 19.

As folhas são, em geral, encimadas pelo título *Hora do Diabo*, (nove vezes), *A Hora do Diabo* (duas vezes), *Noite do Diabo* (duas vezes), em dois casos escrito em inglês, «Devil's Night», apesar do texto ser em português. Duas delas não trazem qualquer indicação

Corrigi lapsos ou lacunas óbvias de escrita e pontuação, desenvolvi abreviaturas e actualizei a ortografia.

NOTA PRÉVIA

## SINAIS USADOS NA FIXAÇÃO DO TEXTO

[...] Palavra(s) não lida(s).

(.. ) Espaço deixado em branco pelo Autor.

As palavras entre parêntesis recto foram acrescentadas por serem óbvias, apesar de omissas.

## A HORA DO DIABO

*No light, but rather darkness visible.* Mas essas chamas lançam, não luz, mas  
sim treva visível.\*

1 Epígrafe, assim designada e traduzida por Pessoa.

Saíram do terminus, e, ao chegar à rua, ela viu com pasmo que estava na própria rua onde morava, a poucos passos de casa. Estacou. Depois voltou-se para trás, para exprimir esse pasmo ao companheiro; mas atrás dela não vinha ninguém. Estava a rua, lunar e deserta, nem havia nela edifício que pudesse ser ou parecer ser um terminus de estação de comboios.

Tonta, sonolenta, mas interiormente desperta e alarmada, foi até casa. Entrou, subiu; no andar de cima encontrou, ainda desperto, o marido. Lia, no escritório, e, quando ela entrou, depôs o livro.

«Então?» perguntou ele.

E ela, «Correu tudo muito bem. O baile foi muito interessante.» E acrescentou, antes que ele perguntasse: «Uma gente que estava lá no baile trouxe-me de automóvel até ao princípio da rua. Não quis que eles viessem até à porta. Saí ali mesmo; insisti. Ah, que cansada que estou!»

E, num gesto de grande cansaço e esquecendo-se de um beijo, foi-se deitar.

A HORA DO DIABO

Seu filho, quando nasceu, nasceu normal de figura, mas

tardou que mostrasse que era um homem de génio. Os , poemas têm uma feição estranha e lunar. Paira neles

desejo de grandes coisas, como de alguém que um dia separado, numa vida antes desta, por sobre todas as ades da terra. Recorre em seus versos uma visão de

GÉNIO

Onde pontes, inexplicável por qualquer experiência que se

conheça. E uma vez, num poema escrito quase em VELHO, ele diz que qualquer coisa nele fora tentada, como isto, na grande altura de onde se vê todo o mundo.

Em baixo, a uma distância mais que impossível, tavam, como astros espalhados, grandes manchas de luz - cidades, sem dúvida, da terra. O Diabo apontou-lhas, são as grandes cidades do mundo: aquela é Londres» e Apontou uma na distância descida. «Aquela é Berlim», e Apontou outra. «E aquela, ali, é Paris. São manchas de luz a treva, e nós, nesta ponte, passamos alto sobre elas, icrÉDULOS do mistério e do conhecimento.»

«Que coisa tão pavorosa e tão bonita! O que é aquilo tudo ali em baixo?»

16

FERNANDO PESSOA

«Aquilo, minha senhora, é o mundo. Foi de aqui que, por incumbência de Deus, tentei seu Filho, Jesus. Mas não deu resultado, como eu já esperava, porque o Filho era mais iniciado que o Pai, e estava em contacto directo com os Superiores Incógnitos da Ordem. Foi uma provação, como se diz em linguagem iniciática, e o Candidato portou-se admiravelmente.»

«Não percebo bem. Foi de aqui, realmente, que tentou ao Cristo?»

«Foi. Está claro que, onde agora está um vale imenso, estava então uma montanha. No abismo também há

geologias. Aqui, onde estamos passando, era o píncaro. Que bem que me lembro! O Filho do Homem repudiou-me desde além de Deus. Segui, porque era o meu dever, o conselho e a ordem de Deus: tentei-o com tudo quanto havia. Se houvesse seguido o meu conselho próprio, tê-lo-ia tentado com o que não pode haver. Talvez a história do mundo em

geral, e a da religião cristã em particular, tivessem sido diferentes. Mas que podem contra a força do Destino, supremo arquitecto de todos os mundos, o Deus que criou este, e eu, o Diabo distrital, que, porque o nega,

o sustenta?»

«Mas como é que se pode sustentar uma coisa por a negar?»

A HORA **DO DIABO**



«É a lei da vida, minha senhora. O corpo vive porque se desintegra, sem se desintegrar demais. Se não se desintegrasse segundo a segundo, seria um mineral. A alma vive porque é perpetuamente tentada, ainda que resista. Tudo vive porque se opõe a qualquer coisa. Eu sou aquilo a que tudo se opõe. Mas, se eu não existisse, nada existiria, porque não havia a que opor-se, como a pomba do meu discípulo Kant que, voando bem no ar leve, julga que poderia voar melhor no vácuo.»

«A música, o luar e os sonhos são as minhas armas mágicas. Mas por música não deve entender-se só aquela que se toca, se não também aquela que fica eternamente por tocar. Por luar, ainda, não se deve supor que se fala só do que vem da lua e faz as árvores grandes perfis; há outro luar, que o mesmo sol não exclui, e obscurece em pleno dia o que as coisas fingem ser. Só os sonhos são sempre o que são. É o lado de nós em que nascemos e em que somos sempre naturais e nossos.»

«Mas, se o mundo é acção, como é que o sonho faz parte do mundo?»

18

FERNANDO PESSOA

«É que o sonho, minha senhora, é uma acção que se tornou ideia; e que por isso conserva a força do mundo e lhe repudia a matéria, que é o estar no espaço. Não é verdade que somos livres no sonho?»

«Sim, mas é triste o acordar...»

«O bom sonhador não acorda. Eu nunca acordei. Deus mesmo duvido que não durma. Já uma vez ele me disse...»

Ela olhou-o de sobressalto e teve subitamente medo, uma expressão do fundo de toda a alma que nunca sentira.

«Mas afinal quem é o senhor? Porque está assim mascarado?»

«Respondo, numa só resposta, às suas duas perguntas: não estou mascarado.»

«Como?»

«Minha senhora, eu sou o Diabo. Sim, sou o Diabo. Mas não me tema nem se sobressalte.»

E num relance de terror extremo, onde boiava um prazer novo, ela reconheceu, de repente, que era verdade.

«Eu sou de facto o Diabo. Não se assuste, porém, porque eu sou realmente o Diabo, e por isso não faço mal. Certos imitadores meus, na terra e acima da terra, são perigosos, como todos os plagiários, porque não conhecem o segredo da minha maneira de ser. Shakespeare, que inspirei muitas vezes, fez-me justiça: disse que eu era um cavalheiro. Por isso esteja descansada: em minha compa-

A HORA DO DIABO

nhia está bem. Sou incapaz de uma palavra, de um gesto, que ofenda uma senhora. Quando assim não fosse da minha própria natureza, obrigava-me o Shakespeare a sê-lo. Mas, realmente, não era preciso.

«Dato do princípio do mundo, e desde então tenho sido sempre um ironista. Ora, como deve saber, todos os ironistas são inofensivos, excepto se querem usar da ironia para insinuar qualquer verdade. Ora eu nunca pretendi dizer a verdade a ninguém em parte porque de nada serve, e em parte porque a não conheço. Meu irmão mais velho, Deus todo poderoso, creio que também a não sabe. Isso, porém, são questões de família.

«Talvez não saiba porque é que a trouxe aqui, nesta viagem sem termo real nem propósito útil. Não foi, como parecia que ia julgar, para a violar ou atrair. Essas coisas sucedem na terra, entre os animais, que incluem os homens, e parece que dão prazer creio, segundo me dizem de lá de baixo, que até às vítimas.

«De resto, não poderia. Essas coisas acontecem na terra, porque os homens são animais. Na minha posição social no universo são impossíveis não bEM porque a moral seja melhor, mas porque nós, os anjos, não temos sexo, e essa é, neste caso pelo menos, a principal garantia. Pode pois estar tranquila porque a não desrespeitarei. Bem sei que há desrespeitos acessórios e inúteis, como os dos

20

FERNANDO PESSOA

romancistas modernos e os da velhice; mas até esses me são negados, porque a minha falta de sexo data desde o princípio das coisas e nunca tive que pensar nisso. Dizem que muitas feiticeiras tiveram comércio comigo, mas é falso; ainda que o não seja, porque o com que tiveram comércio foi com a própria imaginação, que, em certo modo, sou eu.

«Esteja, pois, tranquila. Corrompo, é certo, porque faço imaginar. Mas Deus é pior num sentido, pelo menos, porque criou o corpo corruptível, que é muito menos estético. Os sonhos, ao menos, não apodrecem. Passam. Antes assim, não é verdade?

«É o que está significado no Arcano 18. Confesso que não conheço bem o Tarot, porque ainda não consegui aprender os seus segredos com as muitas pessoas que há no mundo que o compreendem perfeitamente.»

«Dezoito? o meu marido tem o grau 18 da Maçonaria.»

«Da Maçonaria, não: de um rito da Maçonaria. Mas, apesar do que se tem dito, não tenho nada com a Maçonaria, e muito menos com esse grau. Referia-me ao Arcano

18 do Tarot, isto é, da chave de todo o universo, da qual, aliás, o meu entendimento é imperfeito, como o é da Cabala, da qual os doutores da Doutrina Secreta sabem mais do que eu.

«Mas deixemos isso, que é puramente jornalístico.

A HORA DO DIABO

Lembre-mo-nos de que sou o Diabo. Sejam, pois, diabólicos. Quantas vezes tem sonhado comigo?»

«Que eu saiba, nunca», respondeu, sorrindo, Maria, fitando-o com olhos muito abertos.

«Nunca pensou no Príncipe Encantado, no Homem Perfeito, no amante interminável? Nunca sentiu ao pé de si, em sonho, o que acariciasse como ninguém acaricia, o que fosse seu como se a incluísse em ele, o que fosse, no mesmo tempo, o pai, o marido, o filho, numa tripla sensação que é só uma?»

«Embora não compreenda bem, sim, creio que pensei assim e que senti assim. Custa um pouco a confessá-lo, sabe?»

«Era eu, sempre eu, que sou a Serpente foi o papel que [me] distribuíram desde o princípio do mundo. Tenho que andar a tentar, mas, bem entendido, num sentido figurado e fruste, porque não vale tentar utilmente.»

«Foram os gregos que, pela interposição da Balança, fizeram onze os dez signos primitivos do Zodíaco.

«Foi a Serpente que, pela interposição da crítica, tornou realmente doze a década primitiva. [...]» «Realmente, não percebo nada.» «Não percebe: ouça. Outros perceberão.» «(...) As minhas melhores criações o luar e a ironia.»

2.2.

FERNANDO PESSOA

«Não são coisas muito parecidas...» «Não, porque eu não sou parecido comigo mesmo. Esse vício é a minha virtude. É por isso que sou o Diabo.»

«E como se sente?»

«Cansado, principalmente cansado. Cansado de astros e de leis, e um pouco com a vontade de ficar para fora do universo e recrear-me a sério com coisa nenhuma. Agora não há vácuo nem sem razão; e eu lembro coisas antigas sim, muito antigas nos reinos de ADÃO que eram antes de Israel. Desses estive eu para ser rei, e hoje estou no exílio do que não tive».

«Nunca tive infância, nem adolescência, nem portanto idade viril a que chegasse. Sou o negativo absoluto, a encarnação do nada. O que se

deseja e se não pode obter, o que se sonha porque não pode existir  
nisto está meu reino nulo e aí está assente o trono que me não foi  
dado. O que poderia ter sido, o que deveria ter havido, o que a Lei ou a  
Sorte não deram atirei-os às MÃOS cheias para a alma do homem e ela  
perturbou-se de sentir a vida viva do que não existe. Sou o  
esquecimento de todos os deveres, a hesitação

A HORA DO DIABO

de todas as intenções. Os tristes e os cansados da vida, depois de levantados da ilusão erguem para mim os olhos, porque eu também, e a meu modo, sou a Estrela Brilhante da Manhã. E há tanto tempo que o sou! Outro me veio substituir (...)»

«A humanidade é pagã. Nunca qualquer religião a penetrou. Nem está na alma do homem vulgar o poder crer na sobrevivência dessa mesma alma. O homem é um

animal que desperta, sem que saiba onde nem para quê.

«Quando adora os Deuses, adora-os como feitiços. A sua religião é uma bruxaria. Assim foi, assim é, e assim será. As religiões são somente o que extravasa dos mistérios para a profanidade e dela não é entendido, pois, por natureza, o não pode ser.

«As religiões são símbolos, e os homens tomam os símbolos, não como vidas (que são), mas como coisas (que não podem ser). Propiciam a Júpiter como se ele existisse, nunca como se ele vivesse.<sup>17</sup> Quando se entorna sal, deita-se uma pitada, com a mão direita, por cima do ombro esquerdo. Quando se ofende a Deus, rezam-se uns tantos Padre-Nossos. A alma continua pagã e Deus por exumar. Só os raros lhe puseram a acácia (a planta imortal) no topo do túmulo, para

24

FERNANDO PESSOA

que o levantassem dele quando a hora viesse. Mas esses são os que, por bem buscarem, foram eleitos para achá-lo.

«O homem não difere do animal senão em saber que o não é. É a primeira luz, que não é mais que treva visível. É o começo, porque ver a treva é ter a luz dela. É o fim, porque é o saber, pela vista, que se nasceu cego. Assim o animal se torna homem pela ignorância que nele nasce.

«São eras sobre eras, e tempos atrás de tempos, e não há mais que andar na circunferência de um círculo que tem a verdade no ponto que está no centro.

«O princípio da ciência é sabermos que ignoramos. O mundo, que é onde onde estamos; a carne, que é o que somos; o Diabo, que é o que desejamos esses três, na Hora Alta, nos mataram o Mestre que estivemos para ser. E aquele segredo que ele tinha, para que nos convertêssemos nele, esse segredo foi perdido.»

«Também eu, minha senhora, sou a Estrela Brilhante da Manhã. Era-o antes que João falasse, porque há átmós antes de átmós, e mistérios anteriores a todos os mistérios. Sorrio quando pensam (penso) que sou Vénus em outro esquema de símbolos. Mas que importa? Todo este universo, com seu Deus e seu Diabo, com o que há nele de

A HORA DO DIABO

25



homens e de coisas que eles vêem, é um hieróglifo eternamente por decifrar. Sou, por mister, Mestre da Magia: não sei contudo o que ela é.

«A mais alta iniciação acaba pela pergunta encarnada de se há qualquer coisa que exista. O mais alto amor é um grande sono, como aquele em que nos amamos de dormir. Às vezes eu mesmo, que devera ser um alto iniciado, pergunto ao que em mim é de além de Deus se estes deuses todos e todos estes astros não serão mais que sonos de si mesmos, grandes esquecimentos do abismo.

«Não pasme de que eu assim fale. Sou naturalmente poeta, porque sou a verdade falando por engano, e toda a minha vida, afinal, é um sistema especial de moral velado em alegoria e ilustrado por símbolos.

«Não (disse ela rindo) sempre há-de haver uma religião verdadeira... Sim (rindo mais) ou então são todas falsas.»

«Minha senhora, todas as religiões são verdadeiras, por mais opostas que pareçam entre si. São símbolos diferentes da mesma realidade, são como a mesma frase dita em várias línguas; de sorte que se não entendem uns aos outros os que estão dizendo a mesma coisa. Quando um pagão diz Júpiter e um cristão diz Deus estão pondo a mesma emo-

26

FERNANDO PESSOA

ção em termos diversos da inteligência: estão pensando diferentemente a mesma intuição. O repouso de um gato ao sol é a mesma coisa que a leitura de um livro. Um selvagem olha para a tormenta do mesmo modo que um judeu para Jeová, um selvagem olha para o sol do mesmo modo que um cristão para o Cristo. E porquê, minha senhora? Porque trovão e Jeová, sol e cristão, são símbolos diversos da mesma coisa.

«Vivemos neste mundo dos símbolos, no mesmo templo claro e obscuro treva visível, por assim dizer; e cada símbolo é uma verdade substituível à verdade até que o tempo e as circunstâncias restituam a verdadeira.»

«Corrompo mas ilumino. Sou a Estrela Brilhante e da Manhã frase, por sinal, que já foi duas vezes aplicada, não sem critério ou entendimento, a outro que não parece

eu.»

«Meu marido disse-me uma vez que Cristo era o símbolo do sol...»

«Sim, minha senhora. E porque não será verdade o contrário que o sol é o símbolo de Cristo?»

A HORA DO DIABO

«Mas o Senhor vira tudo do avesso...»

«É o meu dever, minha senhora. Não sou, como disse Goethe, o espírito que nega, mas o espírito que contraria.»

«Contrariar é feio...»

«Contrariar actos, sim... Contrariar ideias, não.»

«E porquê?»

«Porque contrariar actos, por maus que sejam, é estorvar o giro do mundo, que é acção. Mas contrariar ideias é fazer com que nos abandonem, e se caia no desalento e de aí no sonho e portanto se pertença ao mundo.»

«Há, minha senhora, com respeito ao que sucede neste mundo, três teorias distintas que tudo é obra do Acaso, que tudo é obra de Deus, e que tudo é obra de várias coisas, combinadas ou entrecruzadas. Pensamos, em geral, em termos da nossa sensibilidade, e por isso tudo se nos volve num problema do bem e do mal; há muito que eu mesmo sofro grandes calúnias por causa dessa interpretação. Parece não ter ainda ocorrido a ninguém que as relações entre as coisas supondo que haja coisas e relações são complicadas demais para que algum deus ou diabo as explique, ou ambos as expliquem.»

28

FERNANDO PESSOA

«Sou o mestre lunar de todos os sonhos, o músico solene de todos os silêncios. Lembra-se do que tem pensado quando, sozinha, está ante uma grande paisagem de arvoredos e de luar? Não se lembra, porque pensou em mim, e, devo dizer-lho, verdadeiramente não existo. Se existe qualquer coisa, não sei.

«As aspirações vagas, os desejos fúteis, os tédios do vulgar, ainda quando o amamos, os aborrecimentos do que não aborrece tudo isso é obra minha, nascida de quando, deitado à margem de grandes rios do abismo, penso que também não sei nada. Então o meu pensamento desce, eflúvio vago, às almas dos homens e eles sentem-se diferentes de si mesmos.

«Sou o eterno Diferente, o eterno Adiado, o Supérfluo do Abismo. Fiquei fora da Criação. Sou o Deus dos mundos que foram antes do Mundo os reis de adão que reinaram mal antes de Israel. A minha presença neste universo é a de quem não foi convidado. Trago comigo memórias de coisas que não chegaram a ser mas que estiveram para ser. (Então face não via face, e não havia equilíbrio.)

«A verdade, porém, é que não existo nem eu, nem outra coisa qualquer. Todo este universo, e todos os outros universos, com seus diversos criadores e seus diversos Satãs mais ou menos perfeitos e adestrados são vácuos

A HORA DO DIABO

29

dentro do vácuo, nadas que giram, satélites, na órbita inútil de coisa nenhuma.»

«Não estou falando contigo mas com teu filho...»

«Não tenho filho... Isto é, vou tê-lo daqui a seis meses, se Deus quiser...»

«É com ele que estou falando... Daqui a seis meses? Seis meses de quê?»

«De quê?! Seis meses...»

«Seis meses solares? Ah, sim. Mas a gravidez vai por meses lunares, e eu mesmo não posso contar senão por meses de Lua, que é minha filha, isto é, a minha cara vista nas águas do caos. com a gravidez e todas as porcarias da terra não tenho nada que ver, nem sei porque graça me foram medir essas coisas pelas leis da lua que forneci. Porque não arranjaram outra bitola? Para que é que o onnipotente precisava do meu trabalho?»

«Desde o princípio do mundo que me insultam e me caluniam. Os mesmos poetas por natureza meus amigos que me defendem, me não têm defendido bem. Um inglês chamado Milton fez-me perder, com par-

30

FERNANDO PESSOA

ceiros meus, uma batalha indefinida que nunca se travou. Outro um alemão chamado Goethe deu-me um papel de alcoviteiro numa tragédia de aldeia. Mas eu não sou o que pensam. As Igrejas abominam-me. Os crentes tremem do meu nome. Mas tenho, quer queiram quer não, um papel no mundo. Nem sou o revoltado contra Deus, nem o espírito que nega. Sou o Deus da Imaginação, perdido porque não crio. É por mim que, quando criança, sonhaste aqueles sonhos que são brinquedos; é por mim que, quando mulher já, tiveste a abraçar-te de noite os príncipes e os dominadores que dormem no fundo desses sonhos. Sou o Espírito que cria sem criar, cuja voz é um fumo, e cuja alma é um erro. Deus criou-me para que eu o imitasse de noite. Ele é o Sol, eu sou a Lua. Minha luz paira sobre tudo quanto é fútil ou findo, fogo-fátuo, margens de rio, pântanos e sombras.

«Que homem pousou sobre os teus seios aquela mão que foi minha? Que beijo te deram que fosse igual ao meu? Quando, nas grandes tardes quentes, sonhavas tanto que sonhavas de sonhar, não viste

passar, no fundo dos teus sonhos, uma figura velada e rápida, a que te daria toda a felicidade, a que te beijaria indefinidamente? Era eu.

«Sou eu. Sou aquele que sempre procuraste e nunca poderás achar. Talvez, no fundo imenso do abismo, Deus

A HORA DO DIABO

mesmo me busque, para que eu o complete, mas a maldição do Deus Mais Velho o Saturno de Jeová paira sobre ele e sobre mim, separa-nos, quando nos devesse unir, para que a vida e o que desejamos dela fossem uma só coisa.

«O anel que usas e amas, a alegria de um pensamento vago, o sentires que estás bem ao espelho em que te vês não te iludas: não és tu, sou eu. Sou eu que ato bem todos os laços com que as coisas se decoram, que disponho certas as cores com [que] as coisas se ornam. De tudo quanto não vale a pena ser faço eu meu domínio e meu império, senhor absoluto do interstício e do intermédio, do que na vida não é vida. Como a noite é o meu reino, o sonho é o meu domínio. O que não tem peso nem medida isso é meu.»

«Os problemas que atormentam os homens são os mesmos problemas que atormentam os deuses. O que está em baixo é como o que está em cima, disse Hermes Três Vezes Máximo, que, como todos os fundadores de religiões, se lembrou de tudo, menos de existir. Quantas vezes Deus me disse, citando Antero de Quental, "Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?"

32-

FERNANDO PESSOA

«Tudo é símbolo e atraso, e nós, os que somos deuses, não temos mais que um grau mais alto numa Ordem cujos Superiores Incógnitos não sabemos quem sejam. Deus é o segundo na Ordem manifesta, e não me diz quem é o Chefe da Ordem, o único que conhece se conhece os Chefes Secretos. Quantas vezes Deus me disse: "Meu irmão, não sei quem sou."

«Tendes a vantagem de serdes homens, e creio às vezes, do fundo do meu cansaço de todos os abismos, que mais vale a calma e a paz de uma noite da família à lareira que toda esta metafísica dos mistérios a que nós, os deuses e os anjos, estamos condenados por substância. Quando, às vezes, me debruço sobre o mundo, vejo ao longe, indo do porto ou voltando a ele, as velas dos barcos dos pescadores, e o meu coração tem saudades imaginárias da terra onde nunca estive. Felizes os que dormem, na sua vida animal, um sistema peculiar de alma, velado em poesia e ilustrado por palavras.»

«Esta conversa tem sido interessantíssima...» «Esta conversa, minha senhora? Mas esta conversa, embora talvez o facto mais importante da sua vida, nunca verdadeiramente se deu. Em primeiro lugar, é bem sabido

A HORA DO DIABO

33



que eu não existo. Em segundo lugar, como estão concordes os teólogos, que me chamam Diabo, e os livres pensadores, que me chamam Reacção, nenhuma conversa minha pode ter interesse. Sou um pobre mito, minha senhora, e, o que é pior, um mito inofensivo. Consola-me só o facto de que o universo sim, esta coisa cheia de várias formas de luzes e de vidas é um mito também.

«Dizem-me que todas estas coisas podem ser esclarecidas à luz da Cabala e da filosofia, mas são esses assuntos

de que nada sei; e Deus, a quem uma vez falei deles, disse-me que também os não compreendia bem, pois que eram pertença exclusiva, em seus arcanos, dos grandes iniciados da Terra que, pelo que tenho lido em livros e jornais, são e têm sido abundantes.

«Aqui nestas esferas superiores, de onde se criou e transformou o mundo, nós, para lhe dizer a verdade, não percebemos nada. Debruço-me às vezes sobre a terra vasta, deitado à margem do meu planalto sobre tudo o planalto da Montanha de Heredom, como já lhe ouvi chamar e cada vez que me debruço vejo religiões novas, novas grandes iniciações, novas formas, todas contraditórias, da verdade eterna, que nem Deus conhece.

«Confesso-lhe que estou cansado de Universo. Tanto Deus como eu de bom grado dormiríamos um sono que

34

FERNANDO PESSOA

nos libertasse dos cargos transcendentais em que, não sabemos como, fomos investidos. Tudo é muito mais misterioso do que se julga, e tudo isto aqui Deus, o universo e eu é apenas um recanto mentiroso da verdade inatingível.»

«Não imagina quanto apreciei a sua conversa. Nunca ouvi falar assim.»

Tinham saído para a rua, cheia de luar, na qual ela não reparara. Ela calou-se um momento.

«Mas, sabe é curioso sabe realmente, e no fim de tudo, o que sinto?»

«O quê?» perguntou o Diabo.

Ela voltou para ele os olhos subitamente marejados.

«Uma grande pena de si!...»

Uma expressão de angústia, como ninguém julgaria que pudesse haver, passou pelo rosto e pelos olhos do homem vermelho. Deixou cair súbito o braço que enlaçava o dela. Parou. Ela deu uns passos, constrangida. Depois voltou-se para trás para dizer qualquer coisa não sabia o quê porque nada percebera para se desculpar da mágoa que viu que causara.

#### **A HORA DO DIABO**

Ficou atónita. Estava sozinha.

Sim, era a rua dela, o topo da rua, mas além dela não estava ali ninguém. O luar batia, claríssimo, não na saída do funicular, mas nas duas portas fechadas da serralharia de sempre.

Não, além dela, não estava ali ninguém. Era a rua de dia vista à noite. Em vez do sol o luar mais nada; um

lunar normal muito claro que deixava naturais as casas e as ruas. O luar de sempre, e ela avançou para casa.

36

FERNANDO PESSOA

«Vim com gente conhecida. Como vinham para os mesmos lados...»

«E como vieste? A pé?!»

«Não. Vim de automóvel.»

«Essa é boa! Não ouvi.»

«Não até à porta», disse ela sem hesitação. «Passaram ali à esquina, e eu pedi que me não trouxessem até aqui, porque queria andar este bocado de rua com este luar tão lindo. E está lindo... Olha, vou-me deitar. Boa noite...»

E foi, sorrindo, mas sem lhe dar um beijo o do costume, que ninguém ao dar sabe se é costume se é beijo.

Nenhum deles reparou que se não tinham beijado.

A criança, um rapaz, que nasceu cinco meses depois, veio, no decurso do tempo geral e do seu crescimento par-

A HORA DO DIABO

37

ricular, a revelar-se, quando já homem, muito inteligente um talento, talvez um génio, o que era talvez verdade, embora o dissessem alguns críticos.

Um astrólogo, que lhe [fez] o horóscopo, disse-lhe que tinha Câncer no Ascendente, e Saturno como signo.

38

FERNANDO PESSOA

«Diga-me uma coisa, mãe... Dizem que certas memórias maternas se podem transmitir aos filhos. Há uma coisa que constantemente me aparece em sonhos e que não posso relacionar com coisa alguma que me houvesse sucedido. E uma memória de uma viagem estranha, em que aparece um homem de vermelho que fala muito. É, primeiro, um automóvel, e depois um comboio, e nessa viagem em comboio passa-se sobre uma ponte altíssima, que parece dominar toda a terra. Depois há um abismo, e uma voz que diz muitas coisas, que, se eu as ouvisse, talvez me dissessem a verdade. Depois sai-se à luz, isto é, ao luar, como se saíssemos de um subterrâneo, e é exactamente aqui no fim da rua... Ah, é verdade, no fundo ou princípio de tudo há uma espécie de baile, ou festa, em que esse homem de vermelho aparece...»

Maria depôs no colo a sua costura. E, virando-se para a Antónia, disse:

«Ora isto tem graça. Está claro que aquilo dos com-

A HORA DO DIABO

39

boios e automóveis e tudo mais é sonho, mas, realmente, há uma parte de verdade... Foi aquele baile no Clube Azul, no Carnaval, aqui há muitos anos sim, uns cinco uns seis meses antes de este nascer. Lembras-te? Eu dancei

com um rapaz qualquer vestido de Mefistófeles, e depois vocês vieram trazer-me a casa no seu automóvel, e eu

fiquei, até, no fim da rua (olha, onde ele diz que saiu do abismo...)...»

«Oh, filha, lembro-me perfeitamente... Nós queríamos vir até à porta de casa, aqui, e tu não quiseste. Disseste que gostavas de andar este bocadito ao luar...»

«Isso mesmo... Mas é engraçado, filho, que tu tenhas acertado com certas coisas que estou certa que nunca te contei. É claro, não têm importância nenhuma... Que coisas curiosas que são os sonhos! Como é que se pode arranjar assim uma história, em que há coisas verdadeiras e que a própria pessoa não podia adivinhar e tantos grandes disparates, como o comboio e a ponte e o subterrâneo?»

Ingrata humanidade! Assim se agradeceu ao Diabo.

40

FERNANDO PESSOA

## NOTAS

1 O texto que se segue, separado deste por uma longa linha tracejada, é aparentemente já o relato da «viagem» de que o filho conserva a reminiscência, escrito, talvez, por ele próprio.

2 Folha solta, dactilografada e manuscrita, com a referência no espólio: 277W-16.

3 Escolhi esta variante apresentada (por ser a que desencadeia a resposta da mulher) a: «o Diabo distrital que eu sou».

Sob «distrital» prevê ainda a variante: «igualmente provincial».

4 Folha solta, dactilografada e manuscrita, com a seguinte referência no espólio: 277W-13.

5 Este parágrafo foi por mim deslocado para aqui de um outro texto (referenciado, no espólio: 277 W-12) de que estava separado por um longo tracejado.

6 Variante acrescentada: «decorrer».

7 Folha manuscrita com a referência 277 W-2.

8 Os cinco parágrafos que se seguem, apesar de apresentados em folha separada, (cota 277 W-14) parecem-me constituir um texto adicional a esta passagem. Omiti o início, um fim de frase que estabelece a ligação: «... não para a violar».

9 Texto dactilografado com a referência 277 W-14.

10 Folha mista com a referência 277 W-17. Uma outra passagem manuscrita em folha separada poderia ter aqui o seu lugar: «Onde é que se diz que tentei Eva? Diz-se [no] Génesis que Eva foi tentada pela Serpente, que é o mais subtil dos bichos que há no campo. Quem lhe disse que eu era a serpente?»

11 Omiti uma frase de leitura duvidosa.

12 Esta última frase aparece sobre a penúltima, talvez como sua variante.

A HORA DO DIABO

**41**

" Folha manuscrita com referência no espólio: 277 W-I.

14 Variante sobreposta: «propósitos».

15 Por cima de «ilusão»: «figuras».

16 Folha manuscrita, aparentemente incompleta porque termina por um traço, com a referência 277 W-3.

17 Variante entre parêntesis: «como se ele vivesse, nunca como se ele existisse».

18 Este texto corresponde a duas páginas dactilografadas, encimadas pelo título em inglês *Devils Night* e com a referência 277 W-11 e 12. Desloquei o último parágrafo, como indico na nota 5, acrescentado no fim da segunda folha mas separado por um longo tracejado.

19 Folha manuscrita com a referência no espólio 277 W-6.

20 Variante sobreposta: «como duas vezes lhe chamarei».

21 Um traço longo no original separa este trecho do seguinte.

22 À margem, duas palavras ilegíveis.

23 A mesma observação que para a nota 21.

24 Folha manuscrita com acrescentos à margem, igualmente manuscritos, de leitura difícil. É o verso da folha 277 W-6.

25 Esta folha, mista, recebeu no espólio a referência 277 W-10.

26 Segue-se um espaço no texto. O diálogo que vem a seguir marca um progresso na intimidade: o Diabo começa a tratar a mulher por tu.

27 Página dactilografada com a referência 277 W-9.

28 Omiti um parágrafo intercalado que corta «Deus mesmo» de «me busque» e que o autor deveria querer incluir noutro passo do texto: «O que crio fica dentro da alma não tem lugar nem posição no mundo.»

29 Página mista com a referência no espólio 277 W-I8.

30 Meia página dactilografada (cota 277 W-19) com um acrescento manuscrito no alto da página: «Eu também sou a Estrela Brilhante da Manhã (já o era antes de Cristo)». Segue-se, nesta folha, meia página mista separada do texto anterior por um tracejado, destinada a finalizar o conto (traz a indicação em inglês *end*) que apresento mais adiante, na última nota.

31 Página dactilografada com referência no espólio 277 W-8.

32 Página manuscrita, cota 277 W-4. Omiti uma nota inicial, separada do texto posterior por um traço, não inserível no diálogo.

## **42.**

FERNANDO PESSOA

}} Folha manuscrita com a indicação no espólio 277 W-5. Um traço a todo o comprimento da página separa este texto de frases que destina a posteriores acrescentos: omiti a última e utilizei as duas outras, uma delas em epígrafe, como é desejo expresso de Pessoa, a outra como indico na nota seguinte.

34 Este período que intercalei figura na folha 277 W-5 mas separada do texto que a antecede por um traço que assinala aquela descontinuidade. Parece-me ser aqui o seu lugar.

35 Página manuscrita, no verso da 277 W-2.

36 Página mista (com a seguinte referência no espólio: 277 W-15) que me parece ser o fim do conto, embora não traga tal indicação. Um outro fim (com a indicação de que o é: «end») é apresentado numa outra folha mista, (referenciada no espólio 277 W-19):

*nem nesse baile havia alguém vestido de Mefistófeles, todo de vermelho. Isso nunca me esqueceria... Não havia, não é verdade, Antónia?»*

*«Não, não me lembro... Não havia com certeza. Essas coisas assim, sobretudo de cores muito violentas, nunca esquecem.»*

*«E a mãe não dançou com ninguém nesse baile?»*

*«Dancei só uma vez. com um homem vestido de sábio, e que me disse que era o Doutor Fausto. Por sinal que não dancei mais. Era uma criatura quase muda. À parte dizer-me que era o Doutor Fausto, porque eu lho perguntei, creio que não disse mais nada». E desatou a rir. «Ah! Disse, disse. Ainda me lembro da cara dele muito triste, muito caída, como se estivesse ali por condenação. O que me disse foi isto: quando se despediu de mim, disse: «Adeus, Margarida!» Nunca percebi que graça isso tinha. Mas o desgraçado estava tão distraído que, naturalmente, estava pensando numa rapariga qualquer. (Gretchen). E foi tudo que sucedeu nesse baile... O que é curioso é isso da rua e do luar. Mas talvez eu te tivesse falado nisso alguma vez.»*

*«Talvez, sim... Não me lembro mas é possível... Deve ter sido isso...»*

A HORA DO DIABO



HISTÓRIA E ALCANCE DE  
*A HORA DO DIABO*

O conto *A Hora do Diabo* corresponde a um projecto dos primeiros tempos: num caderno de então o jovem «português à inglesa» como a si próprio se designou planeava um conto intitulado, em inglês, «Devils Voice».1

À mesma obsessão parece corresponder o poema «Satans Soliloquy» projectado por essa mesma personalidade literária inglesa de Pessoa, um tal David Merrick, que se propunha realizar o conto.

É curioso também verificar que a presença de Satã convive de tal forma com o jovem Pessoa que, sob o nome de Jacob Satan, o vemos contracenar com Alexander Search a personalidade literária inglesa que suplantou as predecessoras e lhes herdou os projectos e as obras e também com o próprio Pessoa, outra personagem dessa imaginada peça intitulada «Ultimus Jocularum».

1 Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer*, Lisboa, Ed. Estampa, 1990, vol. II, p. 180.

2 *Ibidem*, vol. I, p. 97.

*Ibidem*, vol. II, pp. 170 e 386-7.

PospAcio

Convém talvez lembrar que, por esta altura entre os catorze e os dezassete anos depois de uma estadia de um ano em Portugal, em que retomou contacto não só com a língua e cultura portuguesas mas também com a família algarvia do avô judeu, o jovem pôs violentamente em causa a educação católica recebida e, até então, praticada.

Este conto vem contrariar, de facto, os vários mitos tecidos em torno da figura do Diabo, muito particularmente o católico: dir-se-ia que Pessoa quer provar que o Diabo não é tão mau como o pinta a Igreja de Roma assim por ele apostrofada desde que, muito jovem, dela se divorciou. Mas este Diabo vem também contestar a triste figura que alguns poetas, apesar de seus amigos, o têm feito fazer:

Desde o princípio do mundo que me insultam e me caluniam. Os mesmos poetas por natureza meus amigos que me defendem, me não têm defendido bem. um inglês chamado Milton fez-me perder, com parceiros meus, uma batalha indefinida que nunca se travou. Outro um alemão chamado Goethe deu-me um papel de alcoviteiro numa tragédia de aldeia.

4 *Ibidem*, vol. I pp. 70 segs.

48

FERNANDO PESSOA

Pessoa ou o Diabo por ele... contraria neste texto a habitual concepção dicotómica do universo como campo de batalha entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo. Mais de acordo com as filosofias orientais, Pessoa apresenta o Diabo como a Lua do Sol que o Deus criador foi feito ser (porque, como o Diabo lembra, também o criador foi criado). Deus e o Diabo seriam assim complementares, como o dia e a noite, o convexo e o côncavo, o ir e o vir da mesma onda. É o próprio Diabo que, neste conto, o afirma:

As Igrejas abominam-me. Os crentes tremem do meu nome. Mas tenho, quer queriam quer não, um papel no mundo. [...] Deus criou-me para que eu o imitasse de noite. Ele é o Sol, eu sou a Lua. Minha luz paira sobre tudo que é fútil ou findo, fogo-fátuo, margens de rio, pântanos e sombras. [...] Talvez, no fundo imenso do abismo, Deus mesmo me busque, para que eu o complete, mas a maldição do Deus Mais Velho o Saturno de Jeová paira sobre ele e sobre mim, separa-nos, quando nos devera unir, para que a vida e o que desejamos dela fossem uma só coisa.

Este Diabo aparece portanto não como opositor de Deus mas como o seu avesso nocturno. Não tem, como

POSFÁCIO

49

Ele, a função de criar, mas tão só a de fazer sonhar: «Sou o Deus da Imaginação, perdido porque não crio» acrescenta a certa altura da passagem citada. Mas reivindica o seu papel numa Unidade qualquer dizendo-se «a inçar-, nação do nada».

Este Diabo é um Deus triste de que Maria, a mulher que escolheu para Mãe do seu filho, se compadece. É um deus esquivo: «senhor absoluto do interstício e do intermédio, do que na vida não é vida». Apesar de ser ele próprio o Desejo, só por interposto gesto acaricia: «Que homem pousou sobre os teus seios aquela mão que foi minha? Que beijo te deram que fosse igual ao meu?»

Repetidamente declara a Maria o seu «cansaço de todos os abismos» e revela um coração faminto de amor que inveja a humana condição e «tem saudades imaginárias da terra onde nunca esteve».

Este Diabo tem, afinal, uma voz de regaço, embaladora como a Lua que é a sua «cara vista nas águas do caos», como declara. É uma presença materna e envolvente como a noite que, como diz, «acolhe e consola os tristes e cansados da vida». E afirma mesmo: «Como a noite é o meu reino, o sonho é o meu domínio.» (E não podemos deixar de pensar nessa «Noite antiquíssima» que Campos invoca num conhecido poema, regaço de água e

50

FERNANDO PESSOA

trevas a que também Bernardo Soares pede muitas vezes guarida.)

E quando a mulher, de olhos marejados de lágrimas, lhe confessou sentir por ele uma enorme pena, passou-lhe pelo rosto «uma expressão de angústia como ninguém julgaria que pudesse haver.» E, deixando cair «súbito o braço que enlaçava o dela», desapareceu, deixando-a no lugar em que a tinha raptado, na banal rua do seu real quotidiano. E exilada para sempre desse longínquo país natal, o Sonho, de que se diz representante. «Só os sonhos são sempre o que são» afirma «É o lado de nós em que nascemos e em que somos naturais e nossos.»

Este «Senhor absoluto do interstício e do intermédio»

tinha que ter uma grande cumplicidade com o Poeta que encarou reunir a sua obra sob o título genérico de «Ficções do Interlúdio», a que também chamou do «Intermédio». E também ele reflecte uma nostalgia sempre presente na obra de Pessoa: a de viver sem ambições nem vertigens, como esse «animal humano» que Alberto Caeiro o queria

ensinar a ser. Este Diabo, do alto da sua condição de imortal, inveja os homens:

Tendes a vantagem de serdes homens, e creio às vezes, do fundo do meu cansaço de todos os abismos, que mais

POSPÀCIO

vale a calma e a paz de uma noite da família à lareira que toda esta metafísica dos mistérios a que nós, os deuses e os anjos, estamos condenados por substância. Quando, às vezes, me debruço sobre o mundo, vejo ao longe, indo do porto ou voltando a ele, as velas dos barcos dos pescadores, e o meu coração tem saudades imaginárias da terra onde nunca estive. Felizes os que dormem, na sua vida animal, um sistema peculiar de alma, velado em poesia e ilustrado por palavras.

Álvaro de Campos, num poema em que invoca (mais do que evoca) o seu mestre Alberto Caeiro, já então falecido, declara: «Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.» E lamenta ter sido por ele «acordado», iniciado para uma nova dimensão em que lhe falta o ar: «Por que é que me chamaste para o alto dos montes / Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?». E conclui: «Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!»

Ser humano é quente e doce: «É quente ter pai e mãe, irmãos e irmãs diz Sakyamuni (Buda) numa peça mal conhecida. E as Veladoras do «drama extático» *O Marí-*

Publiquei os fragmentos que encontrei em *Fernando Pessoa et l'ère du symbolisme: héritage et création*, Paris, 1985 (2.ª ed.) pp. 542-550.

52-

FERNANDO PESSOA

pairam entre a dupla solicitação do Céu e da Terra. Uma delas suspira: «Aquece ser pequeno».

É talvez para se aquecer um pouco à lareira de ser mortal que o Diabo quer encarnar nessa criatura da terra já a caminho da vida há três meses no seio de uma mulher. Por

isso a rapta do seu trivial quotidiano e durante uma «viagem estranha» lhe ministra os ensinamentos que são, afinal, dirigidos ao filho que traz no ventre e o Diabo quer iniciar isto é, sagrar poeta.

Os longos monólogos do Diabo, declaradamente dirigidos ao Filho e não à Mãe (que apenas faz, espaçadamente, breves intervenções) têm afinal o alcance de uma iniciação. Este Diabo, que se declara um Iniciado, é também um Iniciador. E este conto poderá ser lido como o relato em prosa desse «poema escrito quase em sonho» em que o Filho do Diabo, que se tornou um poeta de génio, dá notícia da viagem que decidiu do seu nascer e do seu destino. Mas até deixa de ser importante saber quem é o narrador deste conto porque todos os poetas aparecem como filhos do Diabo...

É, de facto, uma viagem iniciática, esta, que começa por uma espécie de rapto do real de que é não vítima mas eleita uma mulher, Maria, uma vulgar esposa, que, no início de uma gravidez, vai a um baile de máscaras onde encontra

POSFACIO





uma estranha personagem vestida de vermelho que a conduz a casa e é por ela chamada uma vez de Mefistófeles outra de Doutor Fausto, nos dois fins diferentes que Pessoa imaginou para a história.

No início o narrador-dramaturgo deixa-nos entrever dois cenários. Primeiro, o de uma rua qualquer (em frente de uma serralharia, precisamente), em que mora uma mulher qualquer e o seu vago marido, selando essa união comezinha com esvaziados rituais, como o beijo «do costume que ninguém sabe, ao dar, se é costume se é beijo». Mas este cenário vai abrir-se sobre outro, ilimitado e

fantástico, que já não é um lugar onde se vive mas por onde se viaja, fora do espaço e do tempo: «Em baixo, a uma distância mais que impossível, estavam, como astros espalhados, grandes manchas de luz cidades, sem dúvida, da terra».

Dessa viagem-sonho desembarcou Maria num ponto que era ponte entre esses dois planos e que o narrador refere como «um terminus de estação de comboios» e o Filho como «um subterrâneo». Ambas as metáforas desem-

bocam sobre a realidade: «exactamente aqui ao fim da rua», diz o Filho, ao contar o seu sonho. E não posso deixar de lembrar Campos que, das suas constantes viagens para além da «prisão da personalidade» expressão esta de Bernardo

54

FERNANDO PESSOA

Soares regressava sempre «à normalidade como a um terminus de linha».

Nada aparentemente acontece durante esta «viagem sem termo real nem propósito útil»: só os monólogos, raramente dialogados, entre o Diabo e Maria. Para que não fique sombra de dúvida, ele esclarece: «Não estou falando contigo mas com o teu filho...» É o Diabo que verdadeiramente fecunda pelo Verbo o fruto do seu ventre, que o arranca à sua condição de ser qualquer e o sagra poeta de génio. Maria vai funcionar apenas, à semelhança da Virgem Mãe do mito católico, como «a mala» que o transportará para o mundo (é esta a expressão que Caeiro pejorativamente usa no «Oitavo Poema do Guardador de Rebanhos»).

Como «peregrinos do mistério e do conhecimento» nos são apresentados os dois viajantes a expressão é do Diabo que se prepara para iniciar o Filho eleito na face oculta da verdade aparente. Não na

verdade absoluta, que essa não está ao alcance dos homens é, como diz, «inatingível».

Este Iniciador é também um propiciador de vertigens. Para ele homens e deuses não são mais do que degraus de

6 Álvaro de Campos *Livro de Versos*, Lisboa, ed. Estampa, 3.ª ed., 1997, p. 335.

**POSFÁCIO**

uma escada vertiginosa de que se não pode entrever nem o princípio nem o fim. «Deus é o Homem de outro Deus maior» diz Pessoa e pensa Fausto, protagonista do poema dramático homónimo a que Pessoa se aplicou ao longo da vida.

Este Diabo faz, por sua vez, afirmações semelhantes:

Os problemas que atormentam os homens são os mesmos problemas que atormentam os deuses. O que está em baixo é como o que está em cima, disse Hermes Três Vezes Máximo, que, como todos os fundadores de religiões, se lembrou de tudo menos de existir. Quantas vezes Deus me disse, citando Antero de Quental, «Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?» Tudo é símbolo e atraso, e nós, os que somos deuses, não temos mais que um grau mais alto numa Ordem cujos Superiores Incógnitos não sabemos quem sejam.

Numa peça desconhecida, *Sessão dos Deuses*, Júpiter dirige-se aos homens nestes termos:

Sou deus supremo onde sou deus supremo nem um palmo para além. A mim me chamam pai dos deuses

*' Fernando Pessoa et lê arame symboliste, op. cit., p. 137.*

56

FERNANDO PESSOA

porque sou pai dos que são meus filhos; eu mesmo, porém, sou filho, e tiveram pais os que o são meus. Ninguém sabe se a falta de fim de tudo é por andar sempre para a frente para onde nunca se chega, ou por andar sempre à roda para onde não há onde chegar.

Homens e deuses seriam assim, segundo Júpiter, apenas pontos, diferentes etapas numa espiral sem fim. Também o Diabo afirma a certa altura deste conto:

São eras sobre eras, e tempos atrás de tempos, e não há mais que andar na circunferência de um círculo que tem a verdade no ponto em que está no centro.

Imediatamente antes neste seu monólogo, o Diabo tinha introduzido outro elemento na escala-escada verti-

ginosa deus homem animal:

O homem não difere do animal senão em saber que o não é. E a primeira luz, que não é mais que treva visível. É o começo, porque ver a treva é ter a luz dela. É o fim, porque é o saber, pela vista, que se nasceu cego. Assim o animal se torna homem pela ignorância que nele nasce.

POSFÁCIO



E de novo nos acodem ecos de *Fausto*: «O saber é a  
inconsciência de ignorar».

Por este andar, o deus que antecede o homem tem apenas uma mais ampla paisagem da sua ignorância. É mais ampla a circunferência do seu horizonte para além do qual nada conhece; sabe apenas em ponto maior que nada sabe.

Não presume este Diabo de ensinar a encontrar a verdade, que é inatingível: apenas quer habituar o olhar a saltar os obstáculos que habitualmente lhe interpõem, para o pôr perante a vertigem do abismo:

Tudo é mais misterioso do que se julga, e tudo isto aqui Deus, o universo e eu é apenas um recanto mentiroso da verdade inatingível.

A verdade é um ponto no centro de um círculo inabarcável esse talvez em que pensa Bernardo Soares quando escreve: «E eu, verdadeiramente eu, sou o centro que não há nisto senão por uma geometria do abismo».

Na «Ode Triunfal» Campos escreve:

8 *Livro do Desassossego*, org. de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1982, vol. I, p. 30.

**58**

FERNANDO PESSOA

Na nora do quintal da minha casa O burro anda à roda, anda à roda,

E o mistério do mundo é do tamanho disto.

Mas essa circunferência para que a inatingível verdade seja ainda mais vertiginosa e fugidia é uma órbita dentro de outras órbitas, ilimitadamente:

Todo este universo, e todos os outros universos, com seus diversos criadores e seus diversos Satãs mais ou

menos perfeitos e adestrados são vácuos dentro do vácuo, nada que giram, satélites, na órbita inútil de coisa nenhuma.

Os ensinamentos que Alberto Caeiro, o Mestre, foi criado para ministrar vão em sentido contrário aos do Diabo, Mestre também, e, como ele, um subversor. É que Caeiro ensina a não olhar para além da curva do horizonte para não ter vertigens a dormir a vida como «o animal

humano» que ele nos quer ensinar a ser. «Felizes os que dormem, na sua vida animal», não deixa de comentar o Diabo, num momento de cansaço da sua divina condição.

Como a verdade é inatingível, o Diabo limita-se a assistir, de alto, à sua manifestação plural:

**POSFÁCIO**

Aqui nestas esferas superiores, de onde se criou e transformou o mundo, nós, para lhe dizer a verdade, não percebemos nada. Debruço-me às vezes sobre a terra vasta, deitada à margem do meu planalto sobre tudo o planalto da montanha de Heredom, como já lhe ouvi chamar e cada vez que me debruço vejo religiões novas, novas grandes iniciações, novas formas, todas contraditórias, da verdade eterna, que nem Deus conhece.

O Diabo sabe que a verdade não pode ser revelada por nenhuma dessas «novas religiões» porque essa «verdade eterna, que nem Deus conhece» não está especialmente em nenhuma mas não deixa de estar em todas. Nenhuma a

abarca, mas todas dela dão sinal. Por isso afirma:

Todas as religiões são verdadeiras, por mais opostas que pareçam entre si. São símbolos diferentes da mesma realidade, são como a mesma frase dita em várias línguas.

Esta é, aliás, uma convicção profunda de Pessoa, expressa noutro passo em seu próprio nome.

' Num texto recolhido em *Pessoa Inédito*, (org. de Teresa Rita Lopes), Lisboa, Livros Horizontes, 1993, p. 337.

## 60

FERNANDO PESSOA

A atitude do Diabo em relação à verdade é de aproximar da de Pessoa: sendo ela o centro inatingível das tais concêntricas circunferências, ambos se contentam com assistir à sua

plural manifestação no mundo dos homens. Pessoa afirmou que sendo a perfeição absoluta a Unidade impossível de atingir, tinha que se contentar com a perfeição relativa que se manifesta, essa, através da pluralidade. Por isso foi plural a sua manifestação como poeta:

E porque são estilhaços Do ser, as coisas dispersas Quebro a alma em pedaços E em pessoas diversas.

E assim se contentava em assistir, de alto, como o

Diabo, à dinâmica do diálogo das suas próprias contradições encarnadas por cada um desses seres por que se multiplicou. E poderia dizer-se dele, Poeta, o que o Diabo diz das religiões: que a sua

verdadeira voz não está particularmente em nenhum dos heterónimos  
mas em todos eles,

juntos e separados.

Tem sido minha preocupação mostrar que este conto

não é caso avulso na obra de Pessoa. Por diferentes razões.

POSFÁCIO



Antes de mais porque através dele se manifesta esse espírito religioso que Pessoa assumiu ser, mas sempre incapaz de se instalar numa verdade qualquer que só admitia na sua forma plural. Isso não o impedia, contudo, de incessantemente a buscar.

Pessoa é um místico que quer crer, mas descrê por tentação e por princípio. «Crer é morrer; pensar é duvidar» afirma. O espírito religioso que é leva-o a querer crer mas o pensador põe tudo em dúvida. Ricardo Reis pretende, em prosa: «A religião é uma metafísica recreativa». E porque «cada um de nós deve ter uma metafísica própria, pois cada um de nós é cada um de nós» também a religião que lhe corresponde tem de ser individual. É o próprio Pessoa que o diz, pela voz de uma das suas personalidades literárias, António Mora: «É fácil a metafísica passar para atitude religiosa. Muitas metafísicas não passam de religiões individuais.»

Todo o perigo está em institucionalizar quer a religião quer a filosofia. Em nota autobiográfica escrita no ano da

10 Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer*, Lisboa, ed. Estampa, 1990, vol. II, p. 457.

11 Álvaro de Campos, *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro* (org. Teresa Rita Lopes), Lisboa, ed. Estampa, 1997, p. 94.

12 *Pessoa por Conhecer*, vol. II, p. 455.

62.

FERNANDO PESSOA

morte, em 30 de Março de 1935, declara-se «cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma». Pela pena de Bernardo Soares, escreve no *Livro do Desassossego*:

E esse, que num breve momento vê o universo despido, cria uma filosofia, ou sonha uma religião; e a filosofia espalha-se e a religião propaga-se, e os que crêem na filosofia passam a usá-la como veste que não vêem, e os que crêem na religião passam a pô-la como máscara de que se esquecem.

O uso colectivo e rotineiro de uma religião ou de uma filosofia tira a cada um a distância que tem de manter em relação a esse traje que lhe veste a nudez e a essa máscara que lhe cobre a face. Ele, Pessoa, usa a veste, mas não se esquece dela, como coisa óbvia: contempla-a e comenta-a. E quando põe a máscara assume-a, mas não deixa que lhe fique colada à cara.

O que impedia Pessoa, com o seu espírito de missão, de cair em atitudes dogmáticas, foi sempre essa maneira lúdica

13 Fernando Pessoa, *Obra Poética e em Prosa* (org. de António Quadros), Porto, Lello ed., vol. II, p. 666.

POSFÁCIO

**63**

de fazer com que a sua metafísica se mantivesse «recreativa» e a sua religião não passasse de «individual». Pessoa brincava a acreditar, através das suas ficções, nos deuses: por isso o Neopaganismo e seu Mestre Caeiro... Oíçamos o que diz, pela pena de Soares, no *Livro do Desassossego*:

Quem tem deuses não tem tédio. O tédio é a falta de uma mitologia. A quem não tem crenças até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem forças para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.<sup>1</sup>

Que mais não fosse para combater o tédio, Pessoa quis ser, segundo as próprias palavras, «um criador de mitos». Por isso as suas ficções que não deixam, por isso, de ser a sua expressão mais profunda.

A ironia e o paradoxo não são nunca, para Pessoa, práticas de superfície. O paradoxo é, para o Diabo deste conto, a única forma de dizer a verdade essa verdade relativa que é permitida aos homens porque a outra, «a verdade eterna», essa «nem Deus conhece» diz ele.

14 *Ibidcm*, p. 670.

## 64

FERNANDO PESSOA

«Sou naturalmente poeta porque sou a verdade falando por engano» afirma o Diabo. Como Lucifer, e de acordo com a etimologia dos nomes, é sua missão iluminar: «Corrompo mas ilumino», diz. E precisa: «Não sou, como disse Goethe, o espírito que nega mas o espírito que contraria».

O Diabo seria assim, como Caeiro ambos mestres

um subversor. O próprio Pessoa se atribuiu o papel de «indisciplinador de almas». Por isso se disse também «um criador de anarquias».

A ironia é uma das armas dessa subversão. O Diabo

assume ser um ironista, neste conto:

Dato do princípio do mundo, e desde então tenho sido sempre um ironista. Ora, como deve saber, todos os ironistas são inofensivos, excepto se querem usar da ironia para insinuar qualquer verdade. Ora eu nunca pretendi dizer a verdade a ninguém em parte porque de nada serve, e em parte porque a não conheço. Meu irmão mais velho, Deus todo poderoso, creio que também a não sabe.

A ironia é a pirueta que o impede de se levar demasiado a sério quando aborda esses assuntos que orientaram

e desorientaram o seu pensar durante toda a vida.

POSFÁCIO

i«5

Como toda a obra de Pessoa, este texto tem que ver com todos os géneros literários sem ser o puro sangue de nenhum. Tem com a maior parte deles a afinidade de ser uma caminhada em busca da «verdade inatingível» por esse «peregrino do mistério e do conhecimento» que Pessoa foi sempre.

*Fausto*, o poema dramático que foi escrevendo ao longo da vida como quem se exprime num diário, apresenta, em relação a este texto, muitos traços de família. Num dos finais escritos para este conto, a personagem de Fausto aparece mesmo em vez do Diabo (p. 41). Ambos têm perante a existência e o seu insondável mistério a mesma

atitude. Ambos os textos se reduzem a um monólogo já que os interlocutores, nas suas raras aparições, mais não fazem do que dar a deixa ao protagonista. É curioso que, em ambos os casos, esse interlocutor se chame Maria — uma mulher sem qualquer presença nem individualidade, representante apenas do género feminino.

Ambos os textos correspondem a dois dos mais longínquos projectos do jovem Pessoa, ainda em Durban. De ambos foi realizando fragmentos, à sua boa maneira, correspondendo cada um deles a um momento de escrita,

como um poema.

Poderá dizer-se que este é o conto de um poeta-filósofo com vocação dramática.

66

FERNANDO PESSOA

De si próprio disse que quem quisesse achar a chave da sua personalidade tinha que se lembrar que ele era, antes de mais, um poeta dramático, mesmo quando os seus textos não apresentam os sinais exteriores do género.

Desde a sua puberdade literária que a atitude especulativa do filósofo nele se manifestou, em textos ortónimos

ou assinados por Charles Robert Anon.

Convém não esquecer, que, apesar de ser sobretudo conhecido como poeta, a sua actividade como prosador foi, em termos quantitativos, superior à do poeta, embora grande parte dessa obra se encontre inédita ou publicada avulsamente. Além de apontamentos dispersos, de diferente teor, só foram até hoje reunidos e publicados como um todo

os fragmentos do *Livro do Desassossego*, assinado por Bernardo Soares<sup>16</sup>, das *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, atribuídas a Álvaro de Campos, e de algumas peças de teatro.

15 *Pessoa por Conhecer*, vol. I, pp. 97-100 e vol. II, pp. 179-193.

16 Sendo a primeira edição de 1982, da editora Atiça, com organização de Jacinto do Prado Coelho, e a última de Teresa Sobral Cunha, Lisboa, ed. Presença, 1990.

17 Álvaro de Campos, *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, Lisboa, ed. Estampa, 1997, organização de Teresa Rita Lopes, que também preparou a ed. francesa (Paris, ed. Fischbacher, 1997).

18 *O privilégio dos caminhos*, org. Teresa Rita Lopes, também responsável pela ed. francesa: *Lepnvilège dès chemins*, Paris, ed. Corti, 1989.

POSFÁCIO

Pessoa, foi, contudo, um aplicado narrador. Primeiro, em inglês, ainda em Durban. Num caderno de apontamentos onde anotava projectos e registava as suas composições, deixou o título, em inglês, «Devil s voice», do que parece ser um conto. Por esta altura entre 1903 e 1905 Pessoa

foi-se desdobrando em sucessivas personalidades literárias inglesas que iam suplantando as suas predecessoras e herdando-lhes os projectos. Assim a cadeia de narradores: David Merrick, Charles Robert Anon, James Faber, Alexander Search”. Num conjunto desses contos, intitulado «Tales of a Madman», figura precisamente, o que então se chamava «A Voz do Diabo»: «The Devils Voice».

Já em Portugal, a personalidade literária portuguesa então criada, Vicente Guedes, que também era contista, empreendeu traduzir os «Contos de um doido», assim anunciados em seus projectos.

Estão por conhecer ou reunir as obras de outros prosadores narradores: não se sabe que Bernardo Soares teria sido autor de uma novela intitulada «Marcos Alves», que foi Pêro Botelho (sempre a obsessão do Diabo...) que contou um detective chamado Dr. Abílio Quaresma que, por sua

19 *Pessoa por Conhecer*, vol. I, pp. 146-149.

20 *Ibidem*, p. 147.

21 *Ibidem. vibijem.p.* 148.

## 68

FERNANDO PESSOA

vez, se pôs a contar inúmeras histórias «policíarias», criando personalidades várias, como o Tio Porco... Ricardo Reis escreveu, em verso, «somos contos contando contos», e o seu criador Fernando Pessoa deu forma de gente a essa sua intuição de que o Diabo se aproxima quando se refere à cadeia infundável de deuses criadores.

Mais haveria a dizer sobre a presença obsessiva de Satã na obra de Pessoa. Limitemo-nos a reparar em três referências em diferentes textos. Numa das suas muitas reflexões de teor

filosófico, afirma que «na ordem das coisas e das almas, somos todos súbditos do a quem S. Paulo, alto inciado, chamou o Príncipe deste Mundo». Num texto das *Notas fará a recordação do meu mestre Caeiro*, Álvaro de Campos, que assina o texto, diz do «próprio Satan, que não é senão Deus em sua sombra disforme, lançada pela luz do aparente». E é curioso reparar numa passagem assinada por Bernardo Soares para o *Livro do Desassossego* que remete não só para a figura do Diabo, presente neste conto, mas também para Maria, a esposa que aparentemente guarda fidelidade ao marido num casamento comum, em que a rotina matou o amor (ideia que Pessoa desenvolve noutros

textos) mas não se pode furtar às desencaminhadoras fantasias da sua imaginação:

23 Fernando Pessoa, *Obra Poética e em Prosa*, op. cit., vol. in, p. 536.

24 *Notas para a recordação do meu mestre Caeiro*, op. cit., p. 80.

**POSFACIO**



Todos os casados do mundo são mal casados, porque cada um guarda consigo, nos secretos onde a alma é do Diabo, a imagem subtil do homem desejado que não é aquele, a figura volúvel da mulher sublime, que aquela não realizou.

Teve esta longa nota posfacial a preocupação de entender e dar a entender que este texto não é curiosidade avulsa: corresponde, de facto, a um tema que sempre o habitou e dá testemunho desse jeito de ser do poeta-filósofo que assumidamente brincava a crer e a descrever nos deuses. É

que as suas ficções foram o seu real quotidiano e esse real de faz-de-conta foi para ele mais verdadeiro que o da vida dita «abusivamente» real e o advérbio é dele.

Neste texto, como habitualmente, Pessoa exprime-se através de fragmentos que correspondem, cada um deles, a um momento de escrita e inspiração como um poema pouco ligando ao fio narrativo que os articularia entre si. São estas as cartas com que temos que jogar peças móveis dentro do baralho que, no seu conjunto, constituem.

**25 *Obra Poética e em Prosa*, op. cit., vol. II, p. 665.**

**70**

FERNANDO PESSOA

n

1997

IMPRESSO EM LISBOA (GuiDE - ARTES GRÁFICAS, LDA.)